

# Rememoração



# ANGELA VAZ LEÃO

## – UMA VIDA DEDICADA À UNIVERSIDADE\*

*Entrevista concedida a Eneida Maria de Souza e a Rachel Esteves Lima*

O prazer em poder conversar com D. Ângela Vaz Leão sobre a sua vida acadêmica, fruto de 40 anos de experiência, está devidamente registrado nesta entrevista, realizada numa tarde de março e regada a água de coco e muita amizade. Como em toda entrevista, o roteiro previsto para o diálogo foi cedendo lugar para outro repertório de perguntas, considerando-se o crescente entusiasmo que se ia apoderando de ambas as partes. Graças à memória cristalina da entrevistada, a história de sua trajetória acadêmica transformou-se num verdadeiro registro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, entidade da qual D. Ângela é uma das mais representativas figuras. É tempo, portanto, de se pensar em manter viva a memória de nossas instituições e, principalmente, das pessoas responsáveis pela sua existência, reunindo a vitalidade dos depoimentos pessoais com a preservação dos documentos arquivados.

Nas páginas que se seguem, o leitor terá a oportunidade de conviver mais de perto com quem faz de sua profissão um ato de coragem, desprendimento e competência. Ao exercer, de forma integral, os cargos de professora, diretora, coordenadora de cursos de pós-graduação, orientadora, pesquisadora e consultora de vários órgãos de pesquisa e ensino durante esses últimos anos, D. Ângela tem ainda o mérito de estar sempre em busca do novo e de se comportar profissionalmente como se estivesse em eterno recomeço. Dentre as várias atividades acadêmicas por ela exercidas na antiga Faculdade de Filosofia, no período compreendido entre 1957 e 1987 destaca-se a criação da atual Faculdade de Letras, que, a partir de 1968, se converte em unidade autônoma, desligada da Faculdade de Filosofia. Nessa empresa, o papel desempenhado pela Professora foi de extrema importância para a abertura de caminhos e de perspectivas para o Curso de Letras, contribuindo para que ele atingisse a independência e a qualidade que hoje o tornam um dos centros de excelência no País.

Na condição de Professora de Língua Portuguesa. Língua e Literatura Francesa e Filologia Românica na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, cargo exercido de 1960 a 1969, D. Ângela se manterá fiel a essa instituição, criando mais tarde os cursos de Especialização – PREPES – e, ao se aposentar da UFMG, tornando-se responsável pelo Curso de Pós-graduação em Letras. Por se entregar, da maneira que lhe é peculiar,

---

\* Esta entrevista, publicada no livro *Para sempre em mim* - Homenagem à Professora Ângela Vaz Leão, em 1999, pela Editora PUC MINAS, é reproduzida neste número de *Aletria* em virtude de sua importância para a história da Faculdade de Letras, representada aqui pela sua primeira diretora e uma das responsáveis pela sua criação. Agradecemos à Profa. Ângela e à Editora PUC Minas a concessão dos direitos de reedição do texto. Os editores.

com energia e entusiasmo em tudo que faz, a Professora soube aliar à competência profissional o espírito de modernidade e de apego a projetos educacionais, sempre na esperança de estar construindo o futuro. O resultado dessa confiança no trabalho pessoal e no esforço coletivo dos colegas de profissão está mais do que comprovado pela atual posição do Curso de Letras da PUC/Minas, inegavelmente um dos expoentes do ensino universitário no Brasil.

**P.:** *Gostaríamos que a Sra. começasse essa entrevista falando um pouco da sua trajetória pessoal até chegar à Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais e das motivações que a levaram a escolher o curso de Letras Neo-Latinas.*

**R.:** Bem, eu nasci em Formiga e lá fiz meus estudos secundários. Frequentei a Escola Normal até o curso de segundo grau, que se chamava, nessa época, curso de aplicação e não de formação, como hoje, e, fazendo esse curso, os alunos saíam como normalistas de segundo grau. Poderiam lecionar já nas próprias Escolas Normais, nos primeiros anos do ginásio e no curso primário. Assim, logo depois que terminei meu curso normal, eu me tornei professora de português da própria escola em que estudava. Aliás, durante o curso, eu já substituí professores quando eles se ausentavam. Depois de três anos desse ensino na Escola Normal, resolvi deixar Formiga para fazer um concurso no serviço público federal. Fiz um concurso no DASP e fui nomeada para o Imposto de Renda, em Juiz de Fora. Trabalhei apenas um mês em Juiz de Fora e, ao fim dos trinta dias, já havia sido transferida para Belo Horizonte, onde fui trabalhar na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional. Uma tarde eu estava lá, quando chegou um meu amigo de Formiga, o Brasil Borges, que me disse: “– Olha, saiu hoje, não sei se foi uma lei ou um decreto do Diário Oficial, que dá direito aos normalistas e aos seminaristas de ingressar no curso superior.” Até então, os normalistas e os seminaristas não podiam fazer o curso superior. Desde essa época, eles passaram a ter esse direito, se tivessem feito o curso de sete anos, quer dizer, se tivessem feito o seminário maior ou o curso de normalista de segundo grau. Mas ainda com uma restrição: a entrada só era possível para a Faculdade de Filosofia. No ano seguinte, esse direito foi estendido às mesmas pessoas, para o ingresso na Escola de Direito. Mas quando eu entrei, só poderia ser para a Faculdade de Filosofia. Se eu tivesse tido a possibilidade de entrar para a Escola de Direito, talvez eu tivesse dado outro rumo à minha carreira. Mas hoje eu me sinto muito bem, tendo feito um curso de formação de professores, porque essa era mesmo a minha vocação maior.

**P.:** *Essa alteração, liberando os professores para cursarem a graduação na Faculdade de Filosofia, decorria da necessidade de se aumentar o número de alunos da Faculdade de Filosofia, não é?*

**R.:** Não, não sei.

**P.:** *Porque, pelo que eu li, essa teria sido justamente uma maneira de conseguir alunos, porque os cursos daquela Faculdade, de um modo geral, não contavam ainda com o respaldo da sociedade.*

**R.:** Não, eles não eram valorizados socialmente.

- P.:** *Na USP aconteceu algo semelhante. Na UFRJ também.*
- R.:** Pode ter sido isso. Eu nunca tinha pensado nesse aspecto da questão, mas é bem provável que fosse uma forma de atrair candidatos para os cursos da chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O fato então é que eu, pelo menos, fui atraída. Daí tomei a decisão. Isso foi lá pelo mês de outubro ou novembro, e eu tive que estudar muito, porque no curso normal não se tinha latim, e eu teria que fazer uma prova de latim, além de uma língua estrangeira, como também de português com várias sub-provas, quer dizer, gramática, literatura (mais propriamente história da literatura do que literatura), e ainda uma de redação, isto é uma dissertação.
- P.:** *Escritas?*
- R.:** Escritas. Três escritas. E depois orais, também. Escrita e oral em todas. Então, além da de português, nós tínhamos que fazer uma prova de latim e uma prova de francês. Francês, no meu caso, porque escolhi Letras Neolatinas. Seria inglês para Anglo-germânicas.
- P.:** *Em que ano a Sra. prestou o vestibular?*
- R.:** Foi em 1946. Acontece que, tendo feito o normal, eu nunca tinha estudado latim. Mas eu ensinava português já fazia tempo e gostava muito, lia muito, estudava muito sozinha. Então fiz uma verdadeira maratona naqueles meses que me faltavam, acho que novembro, dezembro, janeiro, até fevereiro. Eu comprei livros de latim de um mesmo autor, creio que José Cretella Júnior, dos quais eu fiz todos os exercícios da primeira à quarta série. Estudei e traduzi sozinha. Nós tínhamos Cícero na prova escrita e Ovídio na prova oral. E na prova de redação nos deram um tema que não era muito original, mas que deu muita chance à gente. Era um comentário, um estudo ou um comentário, sobre o livro que mais nos tivesse impressionado. “Qual o livro lhe causou mais impressão? Fale sobre ele”. Foi mais ou menos essa a formulação. Então eu fiz uma prova sobre *Thaïs*, de Anatole France, que realmente foi uma obra que me impressionou muito, naquela idade. Naquela idade e naquele momento que eu vivia. E quando as provas foram corrigidas, eu fui chamada pelo diretor, Professor Versiani Velloso, que me falou assim: “– Olha, por causa dessa prova que você fez, você não pagará nada. Você terá seus estudos gratuitos desde agora até sua formatura.” Para mim foi uma maravilha, porque eu não tinha como pagar. O meu magro salário da Delegacia Fiscal tinha que servir não só para minha manutenção, mas para ajudar à minha mãe que tinha ficado viúva, que tinha cinco filhos por criar, e até os meus avós, os italianos velhos de Nepomuceno, para quem eu mandava um dinheirinho todo mês. Então o orçamento era muito apertado e aquilo, para mim, foi uma coisa ótima, pois eu não paguei nem um tostão. Entrei com essa bolsa e saí com ela. Fui então fazer Letras Neolatinas. E achei ótimo o curso. Eu saí apaixonada pelo francês, pelo italiano, pelo espanhol, pelo latim.
- P.:** *Estudavam todas essas disciplinas?*
- R.:** Todas essas disciplinas e, olha... estudavam-se todas essas disciplinas, incluindo a literatura. E nós saíamos fazendo todas as provas naquelas línguas, escrevendo

naquelas línguas. Falando menos, mas também falando razoavelmente, mas principalmente escrevendo em todas elas.

**P.:** *Em quantos anos?*

**R.:** Em três anos. Depois, o quarto ano era dedicado às disciplinas pedagógicas, não é? Psicologia, didática, sociologia da educação...

**P.:** *Foi a primeira turma?*

**R.:** Não. A minha turma foi a quinta. A primeira já tinha acabado quando eu entrei e alguns alunos da primeira turma chegaram a ser meus professores. O Professor Wilton Cardoso e o Professor Pedro Parafita de Bessa, o Professor Morse Belém Teixeira, por exemplo, lecionaram para a minha turma. Eles eram mais velhos. Cerca de quatro ou cinco ou seis anos. Dessa primeira turma, a única que não era mais velha do que eu era a Marilu (Maria Luiza Ramos), porque ela fez sempre estudos muito precocemente, estudou muito menina. Então ela foi dos poucos da primeira turma de quem não fui aluna.

**P.:** *Quais foram seus colegas?*

**R.:** Os meus colegas, alguns até já faleceram. Eu tive como colega Dionê Spitalli de Mendonça, que hoje trabalha em Brasília, creio que no MEC. Tive Leda Passos e Wilson Chaves, já falecidos. Tive Maria Isabel Barbosa, que hoje mora nos EUA e Nair Magalhães Peçanha, professora de português aposentada do Instituto de Educação. E ainda Beatriz Ribeiro, minha maior amiga, a quem homenageei dando seu nome a uma de minhas filhas, e que cedo se afastou do magistério por motivos de saúde. E alguns outros, dispersos por este e pelo outro mundo. Éramos, ao todo, catorze.

**P.:** *Só a senhora ficou na UFMG?*

**R.:** Da minha turma, sim, só eu.

**P.:** *E a escolha, D. Ângela? Na época não havia muitas mulheres graduadas, não é? O curso era eminentemente feminino, já que voltado para o magistério, ou não?*

**R.:** Não. Nós éramos catorze, como já disse, devíamos ser sete ou oito mulheres e seis ou sete homens. Era mais ou menos equilibrado. Agora, esses homens eram quase todos ex-seminaristas.

**P.:** *E, tendo em vista o lugar reservado à mulher no contexto social da época, a Sra. enfrentou, em virtude de sua escolha, algum tipo de resistência da parte das pessoas com quem convivia?*

**R.:** Não. Absolutamente nenhuma.

**P.:** *A senhora já era casada, ou não?*

**R.:** Quando ingressei na faculdade, não. Casei no início do segundo ano. Eu passei quatro anos entre o meu curso secundário e minha entrada na Faculdade de Filosofia: três anos em que eu lecionava em Formiga, depois o outro ano em que eu fui para Juiz de Fora e vim para cá, e foi o tempo necessário para que saísse aquela lei que me dava o direito de, como normalista, ingressar na Faculdade de

Filosofia. Então são quatro anos. Eu fiquei quatro anos entre o meu curso secundário e o curso superior. E não houve nenhuma resistência. Meu pai já estava falecido e minha mãe, coitada, mal sabia o que era isso. Fazer Letras ou fazer Filosofia, ela mal sabia o que era isso.

**P.:** *O curso era em que horário e onde funcionava?*

**R.:** As aulas eram no turno da manhã. Quando eu comecei a Faculdade de Filosofia, o curso já era no Instituto de Educação. Estou dizendo já, porque antes tinha tido outra sede, que era o Marconi, o colégio Marconi. A Faculdade foi fundada por professores do colégio Marconi, que eram ou italianos, ou muito amigos dos italianos, como Brás Pellegrino, Vincenzo Spinelli, Arthur Versiani Velloso e outros dessa turma, dentre eles o Professor José Lourenço de Oliveira. Eram todos muito amigos dos italianos. Mesmo politicamente, eram amigos.

**P.:** *E a própria mudança para o Instituto de Educação já decorria da guerra, não é?*

**R.:** Já decorreu disso, porque o Colégio Marconi foi muito atingido. Creio que a Casa d'Italia chegou até a ser depredada. Então a Faculdade foi para o Instituto de Educação. Do Instituto de Educação, foi para o décimo nono andar do Edifício Acaiaca e dali, para sua sede própria, na rua Carangola. Depois, da rua Carangola foi para o campus da Pampulha, mas com um intervalo de funcionamento na Faculdade de Medicina. Eu acho que, nessas mudanças todas, é preciso destacar a figura extraordinária do professor Artur Versiani Velloso, que era um louco, dessa loucura que só a genialidade dá e explica. Uma loucura fantástica. Porque tudo se deve a ele. Ninguém sabia de onde ele tirava dinheiro. Mas ele fazia tudo. Primeiro, comprou um andar do edifício Acaiaca. Imaginem o preço do metro quadrado naquele ponto na avenida Afonso Pena. Depois, comprou outro andar no edifício Acaiaca. E aí construiu um prédio lá na rua Carangola. Tudo isso ele fazia não se sabia como. Ele se endividava, se endividava, pagava, rolava a dívida e ia fazendo as coisas. E, quando resolvia fazer, ele era naturalmente muito censurado, ninguém acreditava que aquilo fosse sair. Mas saía. E essa informação que estou dando, não vale só para as construções de prédios e para mudanças de sede, não. Vale também para a biblioteca. A biblioteca, mesmo naquele tempo da guerra, ou do pós-guerra, nos tempos das vacas magras, no tempo em que a Faculdade era particular, sempre foi uma biblioteca extraordinária. O professor Velloso fazia vir livros de qualquer jeito. Fosse até na maleta de uma freirazinha que vinha para o Brasil, transferida da Itália para o Brasil, ele fazia vir livros. E era um espírito muito aberto. E eu penso que isso foi muito bom. Assim, por exemplo, ele importou a grande enciclopédia italiana, que é um dos monumentos em matéria de enciclopédias do mundo e que foi feita sob a égide, sob a orientação do governo de Mussolini. E uma pessoa preconceituosa, numa hora dessas, é uma pessoa que, em vez de ajudar a instituição, pode prejudicá-la. Ele nunca teve preconceito. E esses livros vinham. Então nós tínhamos livros franceses, livros italianos, livros espanhóis, ingleses e alemães. Não nos faltava bibliografia estrangeira.

- P.:** *E o curso era realmente multidisciplinar, ou não? A sua turma cursava simplesmente as disciplinas de Letras ou havia um intercâmbio com os outros cursos?*
- R.:** Não. Não havia, não. Havia nos corredores, sabe? Havia um ambiente muito bom, uma fraternidade muito grande. Eu tive grandes amigos de outros cursos lá, que são meus amigos até hoje. Mas dizer que o curso era interdisciplinar, eu acho que não é possível.
- P.:** *A grade curricular era rígida?*
- R.:** Era rígida. Nós tínhamos as disciplinas bem delimitadas, sabe? E, engraçado que, mesmo as disciplinas de caráter geral, como a linguística e a teoria literária, não existiam, naquele tempo. Ambas foram criadas pela reforma do curso de Letras que vigorou a partir de 1963. A Linguística passou a fazer parte do currículo mínimo que então se instituiu. E a Teoria Literária figurou num leque de opções que a Faculdade deveria fazer. Como a nossa Faculdade optou pela Teoria Literária, então ela passou a ser obrigatória para nossos alunos. Isso não significa que ela tivesse que ser obrigatória em outra escola. Mas ocorre que foi, todo mundo reconheceu essa importância, mas ela não faz parte do currículo mínimo.
- P.:** *D. Ângela, o Professor Antonio Candido afirma que, quando os franceses vieram para a USP, nos anos de 1930, houve uma certa revolução, na medida em que, antes deles, os professoras davam aulas mais magistrais, em um estilo mais teatral, de conferência. E com a vinda dos franceses, eles começaram a dar aulas mais sistematizadas, com o uso de fichas. Como foi aqui? O curso contou com professores de fora?*
- R.:** Olha, não foi como na USP. Porque a USP fez a primeira Faculdade de Filosofia realmente, antes de haver essa instituição nacional. Mas quando isso se tornou uma instituição nacional, a segunda a ser criada foi a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. E a terceira foi a nossa. No Rio, parece que a criação foi no dia 5 de abril ou no dia 4 de abril, uma coisa assim. E aqui, foi no dia 21 de abril de 1939. Tanto que o aniversário da Faculdade de Filosofia coincide com o dia de Tiradentes. E, já a de São Paulo, é de um pouco antes, de 1934. Então, naquela década de 30, São Paulo trouxe aquela quantidade de professores franceses. Para falar só nas áreas de Humanas, a gente se lembra de grandes nomes: Gilles Gaston Granger, lecionando Filosofia, o Lévi-Strauss, Antropologia, Henri Ambreton, Grego, Roger Bastide, Sociologia, e assim por diante. Foi uma coisa impressionante a influência francesa lá. Se Dom João VI trouxe a primeira missão francesa, a USP trouxe a segunda. Agora, nós aqui, não tivemos isso de uma forma sistemática e absoluta, mas tivemos também. A Faculdade ainda era aquela Faculdade particular, não pertencia ainda a UMG. Foi justamente no ano no ano em que me formei que ela passou a fazer parte da UMG e, no mesmo ano, a UMG foi federalizada. Mas, apesar disso, havia convênios. Na nossa área e nas áreas mais próximas, dois primeiros convênios foram feitos para a área de Letras e para a área de Geografia. Depois passou a haver cooperação para a área de Física, onde houve um intercâmbio muito grande. Professores daqui foram para Grenoble trabalhar lá na física atômica, como o Professor José Israel

Vargas, que levou vários colegas. Professores de lá também vinham para cá. Mas foram apenas duas áreas, Letras e Geografia, que tiveram professores franceses desde o início.

**P.:** *Leccionando literatura francesa?*

**R.:** Língua e literatura francesa, só.

**P.:** *Mas também nas outras áreas havia professores estrangeiros, não? De Física, por exemplo, Química...*

**R.:** Eu não me lembro, não. Podiam vir como visitantes, não é? O número de visitantes que se recebia nas Letras era impressionante. Quantos desses professores eram autores de livros fundamentais para nossa área, ou escritores que a gente lia quase que em adoração, e que estiveram aqui. Muita gente mesmo. Tanto da área de língua como da área de literatura, como da área de linguística.

**P.:** *E havia intercâmbio entre as diversas universidades do país?*

**R.:** Havia bolsas.

**P.:** *Não havia integração entre a Faculdade de Filosofia de Minas e as outras do país?*

**R.:** Eu não me lembro disso. Eu me lembro mais da Faculdade se integrando com instituições francesas do que do intercâmbio em nível nacional. Ao longo do curso, nós tivemos muitos professores franceses. Tínhamos 12 horas semanais de francês. Tivemos Monsieur e Madame Sallet (porque o posto criado aqui para o francês era sempre duplo, para um casal). Havia Monsieur e Madame Teulières, que eram da Aliança Francesa, mas que eventualmente davam aulas para nós, já eram quatro. Havia um, já radicado no Brasil há muitíssimos anos, mas que nunca perdeu nem o nome francês, nem o ar francês, nem o sotaque francês, que era Monsieur Vincent. E havia ainda o Monsieur Debrot, que era suíço. Agora, ao lado desses seis franceses, havia um professor brasileiro que era o catedrático: o Professor Orlando de Carvalho.

**P.:** *Os professores de italiano e espanhol eram brasileiros?*

**R.:** Não eram, não. Mas não quer dizer que eles tinham vindo por um convênio. Eles eram radicados aqui. Por exemplo, no italiano, a princípio, foi Brás Pellegrino, italiano, médico. Depois foi Ernesta Gaetani, italiana também. Depois foi o maestro Sérgio Magnani. Eram italianos, mas radicados aqui. Na área de espanhol, o catedrático foi José Carlos Lisboa. Eram catedráticos da primeira leva aqueles que assinaram a ata de fundação da Faculdade. Aliás, o Professor Lisboa era um professor excepcional. Junto com ele lecionava outro notável professor, Eduardo Frieiro, que era galego e que dava literatura hispano-americana. Tinha uma cultura hispânica e uma cultura geral fabulosas. Tivemos mesmo professores muito bons. Na língua latina, era o professor José Lourenço de Oliveira, que não era muito bem compreendido, justamente porque ele estava à frente do seu tempo. Quando ele começava as aulas de latim, fazia antes uma introdução linguística simplesmente fabulosa, em que a gente tomava contato, criticamente, com a obra de Saussure,

de Marouzeau, de Meillet, com a obra de linguistas hispano-americanos etc. Mas tudo, dentro da aula de latim, porque não havia disciplinas gerais, como a Linguística. Quando a Faculdade teve que convidar um professor para Linguística, ou para Teoria da Literatura, encontrou pessoas que pudessem arcar com essa responsabilidade, de uma maneira muito séria. Mas não porque tivessem estudado a disciplina formalmente, num currículo. Ela vinha no bojo das disciplinas específicas, à maneira de introdução. Por exemplo, se você ia estudar uma epopéia qualquer, *Os Lusíadas* ou alguma outra, estudava-se antes uma teoria da epopéia, desde os gregos. Mas a disciplina não era estudada por si mesma.

**P.:** *E na área de literatura brasileira?*

**R.:** Bem, na área de Literatura Brasileira, o nosso currículo, pelo menos para quem fez Letras Neolatinas, deixava muito a desejar, não pela qualidade dos professores, mas pelo tempo que era dispensado a ela. No meu curso, por exemplo, eu tive apenas um semestre em que estudamos literatura portuguesa e um semestre em que estudamos literatura brasileira. O semestre da literatura portuguesa foi ocupado com Camões e o semestre da literatura brasileira com Machado de Assis. E o professor Wilton Cardoso lecionava as duas disciplinas. As aulas eram muito boas, o professor muito competente, mas o currículo não conferia a essa disciplina o valor, a importância que ela tem.

**P.:** *E qual era o nível dos alunos? Social e intelectual?*

**R.:** Eu não me lembro de nenhum aluno muito rico e nem de algum aluno que fosse excessivamente pobre. Acho que a mais pobre era eu, que tinha que sustentar a família de que vinha. Meu pai morreu, ficaram cinco órfãos, e minha mãe tinha grandes dificuldades. Mas eu não me lembro de nenhuma situação excepcional de colegas, nem num nível social muito alto nem num muito baixo. Éramos todos da classe média.

**P.:** *E todos acompanhavam bem o curso, a bibliografia?*

**R.:** Eu penso que sim. Bem, é claro que existem as diferenças individuais, não é?

**P.:** *E vocês se encontravam fora de aula, além dos corredores? Quais eram as atividades sociais mais frequentes e quais os pontos de encontro dos jovens daquela época?*

**R.:** Olha, nós nos encontrávamos na Camponesa. Era uma churrascaria na rua Goitacazes. A gente se encontrava lá, de vez em quando. Eu não participava muito porque fiquei noiva no primeiro ano e me casei no segundo, em fevereiro, já tive meu primeiro filho em novembro. Então eu não participava muito. Mas nós tínhamos outras formas de diversão e outro tipo de encontros. O tradicional mesmo, pelo menos da turma que estudava francês nas Letras Neolatinas, eram piqueniques no domingo. Que nós fazíamos indo ao Pico, indo a Nova Lima, indo à Pampulha, de bonde.

**P.:** *E ao cinema, vocês iam muito?*

**R.:** Sim, claro.

- P.:** *A Professora Gilda de Mello e Souza, da USP, afirma que a geração à qual ela pertencia tinha uma formação eminentemente francesa e que quase toda a vivência cultural da época era baseada nessa língua.*
- R.:** A nossa também. Líamos literatura francesa, ouvíamos música francesa e assistíamos a filmes franceses.
- P.:** *E havia alguma relação mais amigável entre aluno e professor?*
- R.:** Havia. Os professores eram muito cordiais, muito amigos da gente. Eu acho que era um relacionamento muito bom. Por causa do número de estudantes, que era muito pequeno, a distância entre professor e aluno era menor do que hoje, sabe? Sem isso excluir um tratamento respeitoso.
- P.:** *E eles acompanhavam os alunos em seus programas?*
- R.:** Acompanhavam. Nas excursões. O professor Eduardo Frieiro, por exemplo, com toda aquela casmurrice (ele era muito introvertido), era um companheiro para viagens e para passeios. Ele e dona Noêmia, sua esposa.
- P.:** *Interessante, a idéia de piquenique, não é? E os bares, a noite mesmo...*
- R.:** Me lembro da Camponesa. Me lembro muito da Camponesa e da Gruta Metrôpole.
- P.:** *Os alunos das áreas de Exatas e Biológicas se entrosavam com os grupos de Humanas ou formavam outras turmas à parte?*
- R.:** À parte, não. Eu acho que havia uma integração muito grande. Aliás, aí está o que a gente lamentou na hora em que a Faculdade de Filosofia se dividiu em outras escolas; a perda dessa atmosfera fora de aula, nos corredores, nos bares.
- P.:** *É interessante porque não havia interdisciplinaridade, basicamente, mas havia um certo convívio, o que tornava mais viável o desenvolvimento do espírito universitário, como a gente lê nos textos dos educadores, não é? E o objetivo da Faculdade de Filosofia era justamente o de criar esse espírito universitário.*
- R.:** O DA também era um meio de integração muito grande. Desde o início. Os estudantes eram muito participantes da vida da universidade, da vida política da cidade.
- P.:** *E com relação aos intelectuais da época? Havia convívio entre eles e esse grupo da universidade? Os escritores, os poetas da cidade se mesclavam aos alunos e professores?*
- R.:** Olha, eu não me lembro de reuniões com escritores, a não ser os que eram nossos professores. Agora, certamente devia haver. Uma ocasião em que havia um convívio grande eram os concursos. Os concursos de livre docência, de cátedra, atraíam pessoas que vocês não podem imaginar. O auditório ficava lotado, não havia lugar para todos. Pessoas ficavam nos corredores, querendo entrar, querendo saber o que se passava.
- P.:** *Saía nos jornais?*
- R.:** É. Saía nos jornais. Os concursos eram um acontecimento da cidade, não só da Faculdade. E eram também muito diferentes dos concursos de hoje, não é? Aquele tom de troca cordial de informações e de saberes que existe hoje, não existia. A

banca era composta de pessoas muito famosas, medalhões – alguns medalhões no sentido próprio da palavra e outros que eram pessoas realmente de grande saber, de grande valor – que vinham dispostos a brilhar à custa do candidato. Então, o tom era o da agressividade e o da ironia. E os candidatos mais corajosos respondiam à altura, procurando refutar os argumentos do examinador, quando não destruí-los. Também com a mesma agressividade e com a mesma ironia.

**P.:** *Porque os concursos eram importantes também, uma vez que representavam o ingresso do professor na universidade. Como foi, por exemplo o seu concurso de cátedra, D. Ângela?*

**R.:** Antes eu havia assistido a um concurso que foi o da cátedra de Literatura Brasileira com a Professora Maria Luiza Ramos e o Professor Wilton Cardoso. E eu fiz, acho que nesse mesmo ano, o concurso para Língua Portuguesa.

**P.:** *Quais foram os professores que participaram da sua banca nos exames de livre docência e de cátedra?*

**R.:** Para a livre docência, Os Professores Sílvio Elia, Antenor Nascentes, José Quintela Vaz de Melo, Aires da Mata Machado, José Lourenço de Oliveira, os três primeiros de fora e os dois últimos da Casa. E para a cátedra, os Professores Celso Cunha, do Rio, Souza Lima, de São Paulo, outra vez Antenor Nascentes, do Rio, Aires da Mata Machado e José Lourenço de Oliveira, da Casa. Eu fiz a livre docência em 1958 e a cátedra em 1961. Mas ingressei na Universidade como professora assistente, a convite do Professor Mário Casassanta, em 1957. Porque o catedrático, nesse tempo, convidava o seu assistente. Então, a partir de março de 1957, eu fui ser assistente do Professor Mário Casassanta, na disciplina de Língua Portuguesa. Em novembro de 1958, quase dois anos depois, fiz o concurso de livre docência com uma tese sobre Estilística, que é uma tentativa de conceituação e de aplicação a fatos da língua portuguesa. Fiquei como assistente do Professor Mário Casassanta até 1961, quando, em novembro, fiz o concurso de cátedra. Ele havia se aposentado, após haver optado pela cátedra de Direito Constitucional da Faculdade de Direito, porque o DASP não reconheceu a compatibilidade entre as duas disciplinas. Aliás, isso motivou uma obra notável, embora curta, de Mário Casassanta, intitulada *Um caso de acumulação de cátedras*. Vale a pena ler. Mas, voltando ao que estava dizendo, foi aí que eu fiz o concurso e passei a reger a cátedra de Língua Portuguesa e, nessa função, continuei até a reforma universitária. Alguns anos antes da reforma, a Congregação me confiou, sem nenhum ônus para a Faculdade, a regência da cátedra de Filologia Românica. Quando um professor se aposentava, se a cátedra não podia ser preenchida logo, a Congregação tinha a faculdade de entregar a regência a algum professor. E isso me aconteceu pelo seguinte: na minha tese de cátedra – *O período hipotético iniciado por se* –, eu procurei fazer um estudo tanto diacrônico quanto sincrônico do período chamado do hipotético. Na primeira parte, o estudo é diacrônico, depois é sincrônico. Eu fiz um levantamento de todos os períodos – não fiz por amostragem como hoje se usa fazer, não. Eu fiz um levantamento do universo dos períodos hipotéticos iniciados por *se*, do século XIV e XV, quer dizer, da Idade Média, até o século XX, trabalhando com de 4 a 6 obras. Eu ganhei 2.430 casos de períodos hipotéticos e

tentei estudá-los, classificá-los, estruturalmente, segundo os tempos e modos de verbos empregados, não é? Mas como eu queria fazer o estudo diacrônico, os dois primeiros capítulos são uma visão do problema do latim, que era o período hipotético iniciado por *se* no latim, e depois eu passo do latim às línguas românicas. Em cada uma das cinco línguas românicas nacionais. Eu não estudei nenhuma língua regional, como o catalão e o provençal, por exemplo. Mas peguei as cinco línguas nacionais: o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno. Estudei a evolução das estruturas latinas nessas cinco línguas. O Professor Aires, que se aposentou, era uma pessoa fantástica, mas ele não tinha muita facilidade de relacionamento com os alunos. Era uma pessoa muito cordial, de um relacionamento agradabilíssimo com os amigos, mas tinha certa dificuldade de relacionamento com os alunos, o que é compreensível, dada a deficiência física que todos sabem. Então, quando ele se aposentou, ocorreu o que nós podemos caracterizar como uma ausência de “escola”. Não tendo deixado “escola”, ele não apontou quem o substituiu. E a congregação se viu com a cadeira de Filologia Românica, que naquele tempo tinha uma importância enorme, sem ter a quem confiar. E como eu tinha esses dois capítulos na minha tese, um estudo latino e românico e tinha lecionado francês na Aliança Francesa, e também italiano, com certeza acharam que eu devia ser a responsável. E eu me tornei responsável pela Filologia Românica, sem ônus para a universidade.

**P.:** *Trabalhou de graça?*

**R.:** Trabalhei de graça. Trabalhei em três lugares assim. Eu tinha a cátedra de Língua Portuguesa, a cátedra de Filologia Românica e as aulas de História Geral da Literatura Brasileira, na Biblioteconomia.

**P.:** *Mas onde a senhora recebia algum dinheiro?*

**R.:** Recebia pela cátedra de Filologia Românica. E isso continuou até a reforma universitária.

**P.:** *Até 1968...*

**R.:** A lei é de 1968. Fim do ano de 68. E a reforma é posta em vigor em 1969.

**P.:** *A reforma aqui começou um pouquinho antes, não é?*

**R.:** Não. Ah, bem, sim. Aqui houve uma reforma anterior a essa. A reforma daqui, que foi pioneira, foi a reforma Aluísio Pimenta. Ele tinha feito o curso de pós-graduação na Itália, onde havia os institutos centrais, institutos básicos. Então, talvez lembrando esse modelo, ele criou os Institutos Centrais: o de Ciências Exatas, que é o ICEX, o de Ciências Biológicas, que é o ICB. E criou também o Instituto Central de Letras. E nomeou uma comissão que deveria estruturar esse Instituto Central de Letras, da qual faziam parte os Professores Rubens Romanelli, Abgar Renault, Wilton Cardoso, Tarcísio Ferreira e eu, que presidi a comissão. E, só depois dessa reforma ter sido feita aqui, foi que ocorreu ao governo federal a idéia de uma reforma universitária em âmbito nacional. O Instituto Central de Letras não chegou a se instalar. Ele foi criado e estava sendo estruturado quando saiu a reforma nacional.

- P.:** *No caso, a comissão optou pela denominação Faculdade e não Instituto de Letras...*
- R.:** Sim. Porque a reforma universitária em nível federal se baseou em certos princípios e deu várias opções às universidades. As unidades de ensino e pesquisa, por exemplo, podiam optar por uma das três denominações: Faculdade, Instituto ou Escola. A própria universidade é que, dentro de certos princípios básicos, apresentava seu plano de reforma. Então havia princípios muito gerais. Por exemplo: não duplicação de meios para fins idênticos. Em virtude desse princípio, não poderia haver três disciplinas de História da Arte na Universidade, como havia: nas Belas Artes, na Filosofia, na História, nem sei mais onde. Isso não seria mais possível. Outro princípio foi a associação do ensino e da pesquisa. Havia antes a carreira de professor e a carreira de pesquisador. Você podia ser uma coisa sem ser a outra. Isso acabou. E um outro princípio foi a unidade de patrimônio. Então uma escola que tivesse um patrimônio seu, teria que abdicar desse patrimônio em favor da Reitoria, em favor de um patrimônio único.
- P.:** *Acabaram-se os feudos, não é?*
- R.:** É, passou a haver uma unidade de patrimônio. Então dentro desses princípios gerais, que eram uns três ou quatro, a universidade tinha o direito de apresentar o seu próprio plano. Esse plano podia ser aprovado ou não. O nosso foi aprovado e, em 1969, a universidade já começou a funcionar completamente reestruturada. Uma das bases da reestruturação girava em torno da Faculdade de Filosofia. Não mexeram, por exemplo, na Medicina, não mexeram na Engenharia, mas a Faculdade de Filosofia poderia se desmembrar em novas escolas. A nossa se desmembrou em seis: a FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – onde ficaram os Departamentos de Filosofia, de Jornalismo, que hoje é Comunicação Social, de Psicologia de Sociologia e de História; o Instituto de Geociências, onde ficaram a Geografia e a Geologia, vinda da Engenharia; o Instituto de Ciências Exatas, com a Matemática, a Física e a Química; o Instituto de Ciências Biológicas; a Faculdade de Educação; e a Faculdade de Letras.
- P.:** *E por que Faculdade e não Instituto de Letras? Há alguma diferença?*
- R.:** Não. Na verdade, eu acho que não há uma diferença. Ambos são unidades de ensino e pesquisa. É que os institutos, tradicionalmente assim chamados, principalmente na Europa, eram institutos só de pesquisa. O instituto Pasteur, por exemplo. E as escolas, chamadas grande escolas, “grandes écoles”, eram de ensino, podendo ser também de pesquisa.
- P.:** *Mas houve no Brasil uma diversidade de formas de organização, não é? As Letras na UNICAMP funcionam num instituto, o IEL; na UFRJ, como aqui, criou-se uma Faculdade de Letras e na USP não houve a separação das Letras da Faculdade de Filosofia.*
- R.:** Em São Paulo não houve. É a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A palavra “Faculdade” sempre foi vinculada ao ensino superior. Então você tem uma Faculdade de Medicina, mas você não tem uma Faculdade Balão Vermelho, por exemplo. A palavra “instituto” tem servido a todos os graus de ensino. Você tem o Instituto de Educação, que é secundário, você tem os institutos, que são primários,

você tem institutos que são até de pré-escola. Nós interpretávamos essa denominação “Faculdade” como mais ligada ao ensino superior, mais da tradição acadêmica.

**P.:** *Como foi o processo de separação da Faculdade de Letras da Faculdade de Filosofia? Houve resistências?*

**R.:** Foi muito controversa. Mesmo dentro da Letras houve pessoas que se posicionaram contra a divisão.

**P.:** *É interessante porque, mesmo na USP, também há ainda reações contra essa separação. Quais os motivos que levaram a Sra. a aderir a esse projeto e posicionar-se a favor da criação da Faculdade de Letras?*

**R.:** Eu fui a favor porque não via uma possibilidade de desenvolvimento muito grande das Letras dentro da Faculdade de Filosofia. Eu fui chefe do Departamento de Letras quando foram instituídos os departamentos dentro da Faculdade de Filosofia, antes dessa divisão. E era uma luta muito grande com aquelas áreas que eram mais tradicionalmente voltadas para a pesquisa. Então nós tínhamos que lutar, em luta desigual, por espaço, por carteiras, por livros, por dinheiro para congressos, por tudo. Era muito difícil. A Faculdade não teria tido o crescimento que ela teve, se ela fosse hoje um departamento da Faculdade de Filosofia. Comparem com a História, a Psicologia, ou mesmo a Filosofia. São áreas da maior importância, mas os departamentos respectivos não têm as mesmas condições institucionais que uma faculdade, é evidente. Vejam o crescimento da área de geociências, da Faculdade de Educação, da própria Faculdade de Letras. Antes, não tínhamos autonomia para nada. Não tínhamos um orçamento próprio. É verdade que esse orçamento é destaque de verbas no orçamento global da universidade, o que é normal. Mas depois de feito o destaque, a Faculdade passou a ter as nossas verbazinhas, que não tinha antes. Não posso falar sobre o que se passa hoje, pois, infelizmente, não estou mais lá. Por isso estou empregando o imperfeito. Nós passamos a ter essas verbas que nos permitiam fazer alguma coisa no departamento, comprar o material que fosse necessário, financiar a viagem de um professor, se fosse preciso. E antes não se tinha nada disso.

**P.:** *E os outros departamentos também deviam concorrer bastante, não é?*

**R.:** Muito, muito. Quando nós começamos no edifício da rua Carangola, a Faculdade de Letras ocupava apenas o sétimo andar. Depois nós passamos a ocupar o sétimo e metade do sexto. Ficamos com o sexto e o sétimo. Mais tarde, o Professor Schreiber, do quarto e quinto andares, se mudou com a Biologia para a Pampulha. Nós pegamos o quinto. Mas isso era uma luta muito grande. Nós fomos tomando espaço, viu? Nós não tínhamos possibilidade de muito desenvolvimento. Eu acho que a separação das Letras foi um grande feito.

**P.:** *E quem participou dessa comissão, além da senhora? Quem mais contribuiu para que houvesse essa separação?*

**R.:** Praticamente todos os professores eram favoráveis. Eram poucos os que não.... E eu acho que eles talvez tivessem uma idéia que merece ser defendida, que é a

interdisciplinaridade, o convívio, o intercâmbio de experiências, a troca de idéias com as outras áreas. Mas, na verdade, nada disso depende de muros nem paredes. Nada disso depende de espaço físico. Depende de outra coisa. Depende de uma vontade, de um tipo de formação de cabeça.

**P.:** *Pelo fato de esses cursos terem crescido muito fica realmente difícil administrá-los. Os depoimentos de professores da USP também vão nessa linha, reafirmando a dificuldade de organização dos departamentos. De administração de uma escola tão grande. Mas não se quer abrir mão desse, hoje eu diria, desse mito que se criou em torno da questão da interdisciplinaridade. Porque a senhora mesma afirma que não havia muita possibilidade de se cursar disciplinas de outras áreas.*

**R.:** Não, não havia.

**P.:** *Na verdade, em 1968 houve uma liberação maior, uma flexibilização maior do currículo do que havia antes.*

**R.:** Houve sim. Muito maior.

**P.:** *E quais teriam sido os ganhos decorrentes da mudança do sistema de ingresso no corpo docente, porque antes, como a Sra. mesma disse, a entrada na universidade se dava por meio da escolha do professor catedrático. Aí, se extingue a cátedra e se adota o modelo departamental. Queria saber a sua opinião sobre esse sistema.*

**R.:** Eu acho que a escolha do assistente pelo catedrático podia ser uma escolha muito boa e podia ser um apadrinhamento. Isso dependia da pessoa que escolhia, que fazia a escolha. Eu tive muita sorte quando escolhi pessoas para trabalhar comigo. Foram pessoas muito boas. Foram escolhidas, convidadas. E eu acho que isso aí é muito pessoal. Aliás, mesmo o sistema de concurso, eu acho que é muito pessoal. É difícil generalizar. Hoje nós temos mais segurança porque sabemos que todo mundo é submetido a um concurso, que esse concurso está aberto a mais pessoas, que o grau de protecionismo ou de afilhadismo pode ser menor. Então, nesse sentido, é um grande progresso.

**P.:** *E com relação ao sistema departamental? Houve muita alteração?*

**R.:** Houve muita alteração. Eu acho que o sistema departamental é um bom sistema. Só que há o risco de ele funcionar como uma maxi-cátedra, não é? Mas isso parece que não tem ocorrido muito. É apenas um risco. O sistema departamental é um bom sistema. Estão falando agora em extinguir os departamentos?

**P.:** *Não, mas parece que a tendência atual é de um certo acirramento das posições dos departamentos, na medida em que eles se fecham em si próprios. Justamente por causa dessa busca de interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, pela procura de certa identidade das disciplinas. Eu penso que, nos dias atuais, o que está acontecendo mesmo é isso. Há um medo de que esse modelo interdisciplinar que está se propondo dilua a particularidade de cada departamento, ou seja, o perfil da disciplina relativa à literatura brasileira, à literatura francesa, etc.*

**R.:** Há um receio de que isso venha se perder?

**P.:** *Justamente.*

- P.:** *Eu acho que isso é um certo retrocesso, devido aquilo que a gente conquistou, com relação à interdisciplinaridade. Mas por razões de política, talvez interna, essa interdisciplinaridade, às vezes, pode passar a não mais ser praticada.*
- R.:** Voltando um pouco à pergunta sobre a minha passagem de aluna para professora, eu já disse que fui convidada pelo professor Mário Casassanta. Foi um convite, mas isso não fez com que eu me acomodasse. Eu fiz os concursos para livre docência, que é um grau acima de doutor e que hoje, creio, só continua a vigorar na USP. Quando você não fazia o doutorado e ia direto à livre docência, você, implicitamente, já tinha o título de doutor. E recebia esse título, com o respectivo diploma. Depois fiz o concurso de cátedra. Eu penso que esses concursos, eu os fiz, graças, em grande parte, a uma pessoa: o Professor Velloso, que nos estimulava muito e que não admitia que a gente parasse de estudar, que parasse de publicar ou que deixasse de buscar uma ascensão na carreira por meio dos concursos.
- P.:** *E o machismo que predominava na sociedade daquela época atrapalhou alguma coisa na sua carreira?*
- R.:** Olha, eu nunca senti. Como aluna, eu nunca senti nem da parte dos meus colegas nem da parte dos professores. Nunca. Mas, quando eu era professora, eu testemunhei uma ocorrência muito curiosa, sabe? Ali na sala da Diretoria da Faculdade de Filosofia, na rua Carangola, havia um prolongamento externo, uma espécie de pátio formado pela laje que cobria uma parte do porão. A gente saía da sala para o tal pátio, por uma porta larga e o Professor Velloso às vezes lá ficava, fazendo suas meditações peripatéticas, ou então os seus diálogos com os amigos. Um dia, eu estava conversando com ele e quando ele foi atender a uma conversa particular lá no pátio, eu vi, em cima da mesa, um envelope escrito com aquelas grandes letras verdes (ele só escrevia com tinta verde). Então eu peguei o envelope para ver o que estava escrito – de fora, é claro. Era um envelope vazio, e nele estava escrito, muito grande, assim: *Taceat mulier in theatro*, que é um princípio da teoria do teatro, que está na Arte poética de Horácio, “que a mulher se cale no teatro”. Simplesmente uma alusão ao fato de serem todos os atores do sexo masculino, servindo a máscara não só para a amplificação da voz e para a criação de um clima trágico ou cômico, mas também para esconder a identidade masculina dos atores que faziam papéis femininos, porque as mulheres não podiam participar do teatro. Era um rito sagrado, do qual as mulheres eram excluídas. Então ele pôs lá, com travessão na primeira linha: – *Taceat mulier in theatro*. E embaixo, com outro travessão ele escreveu: *In congregatione quoque*. E nós tínhamos uma reunião da congregação logo em seguida. Mas é porque as mulheres que falavam na congregação sempre incomodavam. Nós éramos um grupo de mulheres muito exigentes, muito bravas, muito brigonas, sabe? Brigávamos por aquilo que nós achávamos ser o mais justo.
- P.:** *Mas na verdade, como a senhora disse, ele incentivava...*
- R.:** Incentivava muito. Ele era um *blagueur*, vivia fazendo blagues, como essa do teatro e da congregação. Então, era esse o seu estilo. Eu nunca senti nenhuma perseguição, nem discriminação.

- P.:** *Nem na família? A senhora não teve problemas com o marido, com relação à carreira?*
- R.:** Não tive, não. O meu marido me apoiou em tudo. E isso é tanto mais admirável quando se pensa que ele não era acadêmico. Era comerciante, mas me deu um apoio que muitas colegas casadas com universitários não tiveram nem têm. Ele me ajudou muito. Quando eu fiz a minha tese, que, como eu contei a vocês, foi com base em 2.430 fichas com períodos hipotéticos, que você tinha que mexer como cartas de baralho em cima de uma mesa enorme, buscando um caminho para a análise, era ele quem datilografava tudo. Eu lia, circulava o “se” e colocava um sinal na margem, e ele copiava a frase inteira. E dizia: “– Ângela, pelo amor de Deus, o que você vai fazer com tudo isso?” E eu respondia: “– O pior é que eu ainda não sei, Wilson. Eu não sei o que vai dar. Eu sinto que vai dar um negócio extraordinário, mas não sei o quê.” Não estou dizendo “extraordinário” pelo meu trabalho, não. É porque era um tema sensacional. Tanto que eu tenho uma carta do Professor R. Wagner, que era um grande linguista francês, me comunicando que estava fazendo um seminário de um período letivo sobre a minha tese, com seus alunos da Sorbonne. Há artigos publicados em periódicos de vários países, até da Checoslováquia, sobre a minha tese. Ela teve muito mais repercussão lá fora do que aqui. E eu devo muito isso ao meu marido, que me incentivava, não me cobrava as falhas domésticas e ainda tinha a tarefa doméstica de copiar as fichazinhas. Pois bem. E ele fazia isso e eu começava a fazer meu trabalho de análise e de classificação. E quando eu chegava a um número alto – vamos supor que eu estivesse fazendo uma contagem de um certo número de dados –, quando chegava no número 99, por exemplo, o telefone me chamava ou uma aluna me chamava. Não quer dizer que eu recomeçasse do 100, eu tinha que recomeçar do número 1. Eu já estava quase louca, quando uma ex-aluna minha, a Sônia Gontijo, me disse assim: “– Olha D. Ângela, eu estudei no Santa Maria, as freiras são muito minhas amigas, vou arrumar um jeito para a senhora.” Eu lhe disse que tinha pensado em ir para a Serra do Cipó. “– Não, não vá para a Serra do Cipó, não”. E me arrumou lá a clausura do Santa Maria. A madre provincial tinha sofrido um acidente em São Paulo, estava lá com a perna engessada. As freiras me deram o quarto dela e eu fiquei na clausura do Colégio Santa Maria. No que eu recebia o material, escrevia. Ia trocando o dia pela noite, para poder dormir nas horas do recreio, que eram muito barulhentas, e tendo autorização para acender a luz à noite. Então eu trabalhava a noite toda, me levantava às 5:30 h, com a chamada – umas batidas na porta – para ver uma missa muito bonita, no escuro ainda, com o canto gregoriano. Depois a gente tomava café. Aí então eu dava uma dormidinha, descansava e continuava. Ia alternando os períodos de trabalho com períodos de descanso, de modo que meu período de descanso coincidissem com o recreio dos meninos. Assim eu fiquei dois meses no Santa Maria, sem sair para nada. E o meu marido fazia o trabalho de datilografia e levava para mim toda tarde, e buscava de novo, e tornava a levar. E aos domingos ele ia lá com as minhas meninas (Regina e Beatriz, as gêmeas, pois a caçula, a Anginha, era muito pequena e ficava com a minha mãe). E nós tomávamos café juntos. Só recentemente eu fiquei sabendo que as meninas choravam muito, pensando que eu tivesse

abandonado a casa, que eu tivesse ido embora. Me deu um remorso enorme. Iam para lá, tomavam café, apenas no domingo. E eu continuava lá, mesmo no domingo. E assim eu fiquei dois meses e um pouco.

**P.:** *Acharam que a senhora tinha virado freira?*

**R.:** É. Então eu acho que eu devo muito ao meu marido. Ele me apoiou muito, sabe? Foi um companheiro fantástico, um companheiro.

**P.:** *A Sra. foi a primeira diretora da Faculdade de Letras, no período de 1969 a 1973, quando a ditadura militar que se instalou no país ficou mais violenta. Quais foram as dificuldades encontradas e como a Sra. avalia, hoje, a posição da UFMG diante do confronto que se estabeleceu?*

**R.:** Todos nós encontramos muita dificuldade. Mas muita mesmo. A própria nomeação de alguns de nós é um fato muito curioso. Foi necessária uma atitude de coragem do Reitor da época, Professor Gérson Boson. A repressão era tão grande que nós tivemos três reitores cassados. O reitor era nomeado pelo Presidente da República, era uma pessoa que exercia um cargo de confiança. E nós perdemos dois reitores por cassação: o Professor Aluísio Pimenta e o Professor Gérson Boson. Aliás, o terceiro não era reitor, era diretor da Faculdade de Filosofia, o Professor Pedro Parafita de Bessa. Isso sem contar os inúmeros professores cassados. Antes da reforma universitária, a nomeação do diretor era prerrogativa do reitor da universidade. Ele é quem nomeava os diretores. Claro, se são pessoas da confiança dele, que participam da administração com ele, não é? O Conselho Universitário elegia uma lista tríplice, da qual ele escolhia um professor. Com a reforma universitária, a lista passou a ser sêxtupla e a nomeação passou a ser prerrogativa do Presidente da República. Vejam que a mudança foi muito grande! O poder de nomear passa a pertencer ao Presidente da República e ele tem uma faixa grande para escolher quem ele quer. Um sobre seis. E o Professor Boson tinha ouvido já a notícia, todos nós tínhamos ouvido já a notícia de que haveria essa mudança. Então ele providenciou a organização das listas tríplices, e foram feitas três: a da Faculdade de Letras, a da Faculdade de Educação e a do Instituto de Geociências. Mas corria o boato de que a mudança sairia naqueles dias, aquela mudança da legislação para a nomeação do diretor. Então ele assinou os atos de nomeação, indicando o Professor Allison Guimarães para o Geociências, Emanuel Brandão Fontes, para a Educação, e eu mesma para as Letras, Chamou o Professor Nassim, da Faculdade de Educação, e disse: “– Você vá para Brasília, plante-se dentro do *Diário Oficial* e não saia de lá, a não ser depois que estas publicações tiverem sido feitas.” E assim se fez. O Nassim foi com as três listas, providenciou a publicação dos atos do reitor, nomeando os três diretores, no *Diário Oficial da União*. Pois, no dia seguinte, saiu a tal lei. Então, nós fomos os três últimos diretores do Brasil nomeados por um reitor. A partir daí a nomeação passaria a ser feita pelo Presidente da República. Foi uma mudança muito grande. Vocês querem exemplos de outras dificuldades? Quando a Faculdade de Filosofia foi invadida, em 1968, isto é, foi ocupada pelos militares, os alunos foram recuando do primeiro para o segundo

andar. À medida que a polícia ia chegando até eles, ocupando mais espaço, os estudantes continuavam subindo, até chegarem ao último andar. E aí nós tivemos que ajudar muitos alunos. Inclusive ajudar na fuga deles, quando era necessário. A repressão foi muito forte. Vivia-se num clima de constante sobressalto.

P.: *E vocês recebiam listas de pessoas consideradas subversivas, não é?*

R.: Eu, felizmente, nunca recebi. Mas houve fatos assim. Por exemplo, houve uma vez em que foi posto um cartaz no sétimo andar e também nos outros. E o cartaz era, de acordo com o julgamento daquela época, perigoso. Em alguns andares o cartaz foi retirado pelo diretor ou pelo chefe de departamento, uma vez que ele seria ofensivo à ditadura. E eu não retirei o cartaz. Bem, eu estava em casa à noite, caía uma chuva enorme, quando recebi um telefonema: “– Olha, a polícia vai lá retirar o seu cartaz. Só tem dois lá. O seu e o da Faculdade de Filosofia”. Então, com toda chuva, eu fui lá retirar o cartaz, pois as consequências eram imprevisíveis. Havia umas coisas assim. E eu mesma fui, uma vez, denunciada por um aluno. Mas, felizmente, não deu em nada o processo.

P.: *A senhora foi denunciada?*

R.: Fui denunciada. Eu recebia uma revista romena. A Romênia fazia parte dos países que compunham a União Soviética, mas a revista, denominada URSS, era editada no Brasil, na rua São Clemente, no Rio de Janeiro, onde era a embaixada da Romênia. E lá havia um artigo muito interessante para a Filologia Românica. Havia, em duas páginas abertas, uma árvore desenhada, com um soldado romeno fazendo o tronco da árvore, e, depois, do tronco, saía a ramificação das línguas e culturas românicas. E essa ramificação era ingenuamente simétrica. Muito ingenuamente simétrica. Você tinha dois ramos básicos: o das línguas orientais e o das línguas ocidentais. De um lado e de outro você tinha nova bifurcação, sempre um binômio, como se a dualidade fosse obrigatória. Então, nas ocidentais, você tinha, por exemplo, as línguas ibero-românicas e as galo-românicas. Agora, partindo das ibero-românicas, você tinha dois ramos novamente bifurcados: o espanhol, com o catalão, e o galego, com o português. Nas línguas galo-românicas, você tinha o francês e o provençal. E assim por diante. E a mesma coisa nas línguas orientais. Nelas, você tinha primeiro o ramo ítalo-românico ou as línguas ítalo-românicas, dividindo-se em italiano e sardo, e, depois, as línguas daco-românicas, com o romeno e o moldaviano. Essa árvore pretendia ilustrar o artigo “Que língua falam os moldavanos?” Eu achei uma hipótese muito interessante que o moldaviano fosse não um dialeto romeno, como aprendi e ensinava, mas uma língua autônoma. E como havia vários textos nas duas línguas, romeno e moldaviano, pequenos textos que a gente podia analisar, eu levei aquilo para a sala de aula. É preciso dizer que, naquela época, em aulas de Filologia Românica, os alunos lidavam com textos também de romeno, cuja estrutura gramatical se estudava. Pois bem. Quando os meninos viram, lá, que a revista era da embaixada da Romênia, alguém deve ter feito a denúncia de que eu estava recebendo material de um país comunista. Fazia muito frio em junho, nas férias, eu estava em casa

quando bateram à porta. Era o pessoal do DOPS. Então perguntaram que relação eu tinha com aquele país. – “Nenhuma”. “ – Mas a senhora recebe essa revista...” “– Recebo”. “– O que a senhora faz com ela?” “– Ela é tão ruim, que depois eu dou para as minhas meninas cortarem figuras”. “– Mas a senhora levou isso para a sala de aula.” “– Levei um artigo que tinha lá.” E aí tive de explicar que era uma coisa muito ingênua, muito de propaganda, sabe? E parece que convenci... Então, essas coisas ocorriam. Muita denúncia, muita coisa assim. Mas a gente sobreviveu.

- P.:** *E parece que a UFMG e a Letras, em particular, souberam preservar um pouco a autonomia, não é? Porque eu acho que a UFMG se parece com a USP nesse sentido. A UFRJ foi muito marcada por ações cometidas pelos seus diretores. Até hoje, quando se pensa em tudo aquilo que foi feito na época do Afrânio Coutinho, com relação à denúncia de colegas, percebe-se que aquela universidade saiu muito arranhada desse período.*
- R.:** *Aqui, isso não ocorreu, não. Nós tivemos pessoas muito corajosas, muito valentes, que assumiram a universidade com esse clima, e tivemos até pessoas que a gente julgava que poderiam não ter agido tão corretamente assim e depois se descobriu que eram pessoas muito corretas. Por exemplo, há um fato interessante. O Professor Morse Belém Teixeira foi uma pessoa muitíssimo perseguida. Ele esteve várias vezes diante da polícia, inclusive. E pensava-se que o denunciante tivesse sido o Professor José Lourenço de Oliveira, e por isso ele era visto de forma meio atravessada por alguns. Depois, quando esses documentos vieram à tona, foi que se pôde ver tudo isso: ficou claro que o professor Lourenço, na verdade, havia feito a defesa do Morse. O denunciante era outro.*
- P.:** *O Professor Romanelli também foi perseguido. Eu me lembro dele contando isso em sala de aula. E a Sra. acompanhou a atuação da Ada Bogliolo, sua assistente na cadeira de Filologia Românica. Ela era grande ativista da Ação Popular, a AP.*
- R.:** *Ela e o José Geraldo Mota Maia. Havia várias pessoas além deles.*
- P.:** *Data do início dos anos de 1970 a criação dos cursos de Pós-Graduação no país. Qual foi o seu papel na estruturação do curso de Pós-graduação em Letras da UFMG?*
- R.:** *Parece que foi em 1974 que começou a funcionar a Pós-graduação. Durante a minha gestão como Diretora da Faculdade, foram dados os primeiros passos, com o projeto que foi feito pelo professor Rubens Romanelli. Mas esse projeto não foi aceito pelo Conselho Federal de Educação. Depois é que se passou para um projeto novo, e o curso se inicia em 1974.*
- P.:** *E a Sra. participou também como assessora dos órgãos de fomento à pesquisa, tais como o CNPq, a CAPES e, mais recentemente, a FAPEMIG e a FAPESP. Como a Sra. avalia a política de pesquisa no país, hoje?*
- R.:** *Eu acho que ela melhorou muito. Em relação às Letras melhorou demais. Eu fui a primeira assessora do CNPq, na nossa área. Não havia ainda o setor de Letras dentro do Comitê das Ciências Humanas. Ele só foi criado em 1974 ou 1975. E eu estava em Nova Almeida, quando recebi um telefonema me procurando, de Brasília. Fui a primeira assessora. Mas vejam uma coisa. Era uma pessoa só para a grande*

área de Linguística e de Letras. Hoje, parece que são dois para cada sub-área, isto é, dois para Linguística e dois para Literatura. Então, vejam, aumentou muito não é? São quatro vezes mais. E o mesmo aconteceu em relação ao número de projetos aprovados. No princípio, em 1975, às vezes você tinha 60, 70 projetos e você só tinha verba para apoiar três. Era uma coisa horrível. A coisa foi mudando muito. Eu fiquei um ano no CNPq, ocupando esse lugar que a Eneida ocupou recentemente, junto com três outros assessores. Eu fiquei indo como assessora *ad hoc* durante todos os meses, por um ano, ainda. E foi uma experiência muito boa, porque a gente tem contato com pessoas de outras áreas, no comitê de Ciências Humanas. A gente fica sabendo o que se passa nas outras universidades. Eu acho que é muito enriquecedor, é muito bom.

**P.:** *Mas hoje em dia as bolsas parecem estar minguando, não é?*

**R.:** Diminuíram um pouco este ano.

**P.:** *Mas a senhora também participou como assessora quando se criou o PICD, no final de 1976?*

**R.:** Eu acho que nessa época eu já não estava lá, mas foi revolucionário, porque passou a ser um tipo diferente de bolsa, dada não à instituição que faz o curso, mas à instituição de origem do candidato. Isso eu acho muito importante, para a formação de pessoal qualificado.

**P.:** *Principalmente as bolsas para o exterior, não é, D. Ângela?*

**R.:** É. Hoje eu continuo atendendo, eventualmente, a processos do CNPq, também da CAPES, e também da FAPEMIG. Mas de onde eu recebo mais processos é da FAPESP. Em outro nível institucional, também tenho dado pareceres por solicitação da UFMG, mais precisamente do Conselho de Pós-graduação. .

**P.:** *Gostaríamos de saber algumas informações sobre o PREPES. Parece que o curso também foi criado pela Sra. O que a levou a idealizar, em 1974, o Curso de Pós-graduação “lato sensu” da PUC-Minas e a tornar-se a sua primeira coordenadora?*

**R.:** Não. Não foi criado por mim. Sozinha. Não é propriamente isso, sabe? Mas eu fiz parte da comissão que discutia e que estabelecia os currículos e fazia as pesquisas sobre as áreas mais necessárias, mais carentes.

**P.:** *Quem mais fazia parte dessa comissão?*

**R.:** Olha, era eu, o Caio Boschi, o Bonifácio Teixeira, que hoje é Pró-Reitor de Extensão, e havia pessoas de outras áreas que davam contribuições apenas relativamente às suas especialidades. Como, por exemplo, o Professor Edson Durão Júdice, da Matemática, a Professora Elizabeth, da Biologia, a Professora Maria de Lourdes, da Educação, o Professor Oscar Vieira, das Letras. Mas a estruturação geral foi tarefa da comissão. Principalmente o Caio Boschi, o Bonifácio e eu, tudo sob a coordenação do professor Emerson de Almeida, que era então o responsável por toda a Extensão da PUC, e que hoje é o presidente da Fundação Dom Cabral. Eu fui responsável pela estruturação e redação do projeto.

- P.:** *E a Sra. era professora da Católica, não?*
- R.:** Eu sempre fui professora da Católica. Na minha geração, os salários eram tão baixos que você não sobrevivia com um emprego só. Todo mundo tinha dois, três empregos, porque não era possível ficar apenas em um. Eu entrei para a Católica em 1961. Quer dizer, eu entrei para a UFMG em 1957, lá fiz livre docência, em 1958, e a cátedra em 1961. Em 1960, entrei para a Católica também, como professora de Língua Portuguesa. Depois passei para Língua e Literatura Francesa, disciplina que também lecionava na Aliança Francesa. Só depois, em 1963, é que fui trabalhar em Filologia Românica. Então, eu continuava me equilibrando entre a Católica e a Federal. E não tinha dedicação exclusiva, nem sequer quarenta horas, era aulista em cada uma delas. Bem, no momento em que eu assumi a direção da Faculdade de Letras, em 1969, aliás, de 1969 a 1973, fui obrigada a ficar em dedicação exclusiva. Eu me afastei por quatro anos da Católica. Mas, por um pedido de Dom Serafim, feito à UFMG, continuei dando um curso de especialização lá, no sábado à tarde, para professores de Português. E depois, então, quando terminou o meu mandato, voltei a trabalhar na Católica, dando Filologia Românica nas duas universidades. Em 1978, quando já fazia quatro anos que eu estava dirigindo o PREPES, de 1974 a 1978, eu pedi a minha aposentadoria pelo INSS. Foi aí que eu fiquei somente na Federal e assumi 40 horas de dedicação exclusiva. De 1978 em diante eu não trabalhava mais na Católica.
- P.:** *D. Ângela, o PREPES sempre foi um grande programa e até hoje tem uma procura muito grande. A que a Sra. atribui esse sucesso? Fale também da proposta desse curso.*
- R.:** Eu acho que o sucesso se deve, em grande parte, a essa proposta de um curso em módulos, realizado nas férias. Eu acho que é isto: especialização, sem afastamento do trabalho. Porque a especialização é muito importante para as escolas superiores do interior, uma vez que o Conselho Nacional de Educação não autoriza mais o funcionamento de uma escola com professor que só tenha graduação. Então, as escolas tinham que mandar os professores se aperfeiçoarem. Mas, como mandar durante o ano letivo, se os quadros eram tão pequenos e não havia substitutos? Então, melhor era mandar nas férias. E essa fórmula é que foi responsável pelo grande sucesso do PREPES. Eu mesmo trabalhava muito pela Faculdade de Filosofia de Formiga, porque eu sou de lá, e nós não conseguíamos o reconhecimento, porque não tínhamos especialistas. E nos íamos – os dirigentes locais e eu – a Brasília todo mês, durante as sessões do CFE (Conselho Federal de Educação), para ver se conseguíamos ser reconhecidos. E não conseguíamos. Então, uma vez, eu estava lá e nós decidimos conversar diretamente com o relator do nosso processo. Ele disse: “– Não, nós não vamos mesmo autorizar o funcionamento, não vamos reconhecer enquanto os professores não estiverem especializados.” Mas ia demorar muito, uns dois, três anos. Aí me ocorreu essa idéia na hora: “– Se nós conseguíssemos uma instituição idônea que nos assegurasse criar um curso para especializar nossos professores, com o compromisso de a escola mandar todos eles nas férias, vocês reconheceriam a escola?” “– Reconheceríamos.” Eu telefonei de lá para Dom Serafim, que era o reitor da PUC: “– Dom Serafim, está havendo

isso, isso e isso. O senhor cria esse curso para as escolas do interior?” Ele disse assim: “– Você faz o projeto?” “– Faço”. “– Então, nós criamos o curso”. “– Pois então eu vou aí para o Sr. Assinar um documento.” Saí de Brasília...

**P.:** *Em que ano? Em 1974? Ou um pouquinho antes?*

**R.:** Foi um pouquinho antes de 1974, foi em 1973. Aí saí de Brasília e vim a Belo Horizonte para obter de Dom Serafim um documento garantindo que ele criaria um curso de especialização para funcionar no período de férias, visando, principalmente, à especialização de professores das escolas do interior. Não só de Formiga, mas do interior.

**P.:** *E a Faculdade de Filosofia de Formiga tinha quais cursos?*

**R.:** Letras, Estudos Sociais, que era um curso de curta duração, História, que era a complementação de Estudos Sociais, em nível de licenciatura plena. Tinha também Ciências, de curta duração, com complementação em Física e em Química. Havia também um curso de licenciatura plena na área de Educação, que era mais global, e depois as habilitações específicas. E graças à boa vontade, à amizade, nem sei qual é o substantivo que vou empregar, amizade, generosidade, bondade de ex-alunos meus, nós tivemos um corpo docente simplesmente espetacular.

**P.:** *E a Sra. trabalhava daqui? A Sra. orientava esses cursos a distância?*

**R.:** Não, não. Só arrumava professores para eles. Esses professores iam, a princípio, em atenção a mim, mas depois tomavam amor à cidade e ficavam. O Professor Valmiki Guimarães ficou 14 anos. A Professora Cleonice Mourão, do curso de Francês, também trabalhou lá muitos anos. Era uma equipe fantástica.

**P.:** *A Lúcia Viana, a Maria Helena...*

**R.:** A Lúcia Viana, a Maria Helena, a Maria Antonieta Cohen, o Tarcísio Ferreira, o Mário Perini. Isso na área de Letras. Mas nas outras áreas também era um corpo docente fantástico: gente da UFMG, das áreas de Geografia, da História, da Biologia, da Física, da Matemática, de quase todas as áreas da UFMG, praticamente. E aí, como é que nós perdíamos os professores? Eu ficava obrigada a eles pelo resto da vida. Então, quando ia haver um concurso na Faculdade, eu só avisava: “– Olha, vai haver concurso para linguística, viu? Lá na Federal.” Aí, o professor vinha, competia, passava no concurso e deixava Formiga. Assim foi a história de muitos deles, que depois integraram os quadros da UFMG, por concurso para a admissão ou a efetivação.

**P.:** *E o projeto do PREPES, voltando um pouquinho agora. O PREPES começa a funcionar em 1974 com muitos cursos?*

**R.:** Com muitos cursos. Mas voltando a Formiga: eu dei todo esse apoio enquanto eles precisavam de mim. Precisavam por causa de experiência administrativa e acadêmica, de eu ter coragem e disponibilidade para ir a Brasília todo mês etc. Mas, no momento em que não precisam mais de mim, eu caio fora. Tudo o que eu faço é assim.

- P.:** *Foi a Sra. quem teve essa idéia de criar a Faculdade de Formiga?*
- R.:** Não. Foi um grupo de estudantes de lá, de rapazes e de moças de lá. Eu não tive a menor participação, inicialmente. Um dia me visitaram e me chegaram contra a parede. Então eu aceitei ser membro do Conselho Curador da Fundação e comecei a trabalhar. Mas hoje não tenho o menor trabalho lá, a menor ligação, a não ser que eu fico muito satisfeita com o trabalho deles. Porque eles têm um trabalho muito bom lá. É uma escola muito séria.
- P.:** *Bem, vamos falar um pouquinho da sua transição da Federal para a PUC e da criação do curso de Pós-graduação em Letras nesta Universidade. A Sra. se aposenta em 1987 na Federal, não é? E, em 1989, cria o Programa de Pós-graduação em Letras.*
- R.:** Antes de me aposentar, nos seis meses da licença prêmio, eu já frequentei a Católica. Quando eles souberam que eu me aposentaria, recebi um telefonema da Professora Márcia Moraes, me dando um recado do Reitor, que era o Padre Lázaro. Me perguntavam se eu me dispunha a voltar para a Católica, para criar o Mestrado em Letras. Eu disse: “– Depende. Porque, quando eu dirigia o PREPES, Dom Serafim queria que ele se transformasse em mestrado. Eu fiz uma pesquisa, que é um caderno inteiro, e apresentei a ele, mostrando que não havia condições de ser feito isso. Não havia ainda massa crítica suficiente. E hoje eu não sei se as condições mudaram. Então, eu só posso dar uma resposta se aceito ou não, depois de estudar as condições aí”. Então eu tirei férias-prêmio e fazia uma reunião semanal na PUC, da qual a Professora Nádia Gotlib participou muito. E me ajudou muito. Dessa reunião participavam a Márcia Moraes, a Nádia Gotlib, a Suely Silva Lobo, o Audemaro Taranto Goulart e eu. E chegamos à conclusão de que o Mestrado seria possível, sim, desde que a Católica se dispusesse a contratar professores doutores. Nessa ocasião, nas Letras, só a Marilu, Professora Maria Luiza Ramos, e eu tínhamos o título de doutor. E a Marilu, logo no primeiro ano, pediu exoneração por causa dos compromissos dela com o CNPq. Fiquei então estudando a possibilidade de contratar aposentados da UFMG, pessoas que pudessem prestar bons serviços, que tivessem disponibilidade para atuar na PUC. E, dentro de um número de contratações que foi possível efetivar, foi convidado primeiro o Professor Wilton Cardoso, depois a Professora Maria do Carmo Lana Figueiredo, em seguida a Professora Lélia Parreira Duarte, logo depois a professora Ivete Walty, a Professora Maria Nazareth Fonseca. E, mais recentemente, a professora Melania Silva de Aguiar.
- P.:** *D. Ângela, e por que a escolha do campo de atuação recaiu na área de Literaturas de Língua Portuguesa?*
- R.:** Foi em função daquele princípio de não duplicação de meios para fins idênticos, da reforma universitária de 1968, que continua a vigorar. A Faculdade de Letras da UFMG tinha o curso de Literatura Brasileira. Não tinha o de Literatura Portuguesa nem de Literaturas Africanas. E esse curso de Literatura Brasileira podia dar ensejo ao ensino e à pesquisa sobre a Literatura Brasileira em qualquer das suas manifestações, sem distinção de gênero ou de modalidades. Assim, tanto era digno de ser pesquisado lá, por exemplo, um jornal de Minas Gerais do tempo do modernismo,

como uma peça de teatro, como um poema, ou um conjunto de poemas ou um conjunto de obras. E nós da PUC tínhamos que diversificar. Mas não havia como sair da Literatura Brasileira, porque é a mais necessária, a de que nós mais precisamos para formar professores para os nossos cursos de primeiro e segundo graus. Então, pensamos o seguinte: na UFMG, têm o âmbito geográfico restrito só ao Brasil, mas, em compensação, o universo das manifestações literárias. Então, resolvemos inverter: ampliar o âmbito geográfico para as literaturas de língua portuguesa e restringir as manifestações literárias à ficção e à poesia. Hoje é que já estamos nos abrindo para outros tipos de manifestações. Mas, no início, eram só ficção e poesia, todo o programa das nossas disciplinas era constituído de ficção e poesia.

**P:** *Agora já está havendo uma abordagem mais ampla, mais cultural.*

**R.:** Agora, a essa altura, o curso já provou, suficientemente, que é importante, porque idôneo e eficiente, e que não está fazendo nenhuma concorrência à UFMG, nem havia por que fazer. Na UFMG, o curso é muito mais antigo, com um número muito maior de docentes, com um número muito maior de alunos, com uma tradição muito maior, com uma produção respeitabilíssima. Então não há por que nós tentarmos essa concorrência. Queremos apenas uma coisa: nós queremos um curso sério, que atinja os seus objetivos, naquilo que se propôs.

**P:** *A Sra. orienta e dá cursos na Católica dentro da área de literatura ou dentro da área de linguística?*

**R.:** Leciono nas duas. Quando o curso começou, a única área era de literaturas de língua portuguesa, não havia a opção por línguas. Quando a Marilu saiu, e entraram o Wilton Cardoso e a Maria do Carmo, ficamos nós três. Tanto que nós tivemos que completar o número de doutores com o Professor Caio Boschi, da História. Então nós incluímos no currículo uma disciplina, que era “Literatura mineira no período colonial”. E esse curso era dado em dobradinha com o do Caio, que dava “Sociedade mineira no período colonial”. Quer dizer, a sociedade que produziu e que consumiu aquela literatura, não é? Mas eu tinha que prever também uma disciplina para mim. Não podia ficar sem trabalhar. E o que eu podia fazer honestamente num curso de literatura era literatura medieval, que depende muito de linguística histórica, da filologia, da edição crítica de textos. Então eu comecei a trabalhar só com literatura medieval portuguesa. Na parte da literatura é o que eu faço até hoje. Mesmo agora, que estou dando Gil Vicente. Embora o autor seja do século XVI, pelo tipo de seu teatro pode ser considerado um herdeiro legítimo da tradição medieval. Depois, em 1995, quando fomos criar a área de Língua Portuguesa, eu não podia ficar de fora, pois é a área da minha formação e, mais uma vez, nós precisávamos ter o número de doutores exigido pela CAPES. Então eu tenho dado cursos de Língua Portuguesa também. E hoje eu faço o seguinte: geralmente, trabalho com textos medievais portugueses e recebo alunos de Literatura e alunos de Língua. Como os meus cursos são todos em cima de textos, a gente tem ocasião de analisar tanto aspectos linguísticos quanto literários. Mesmo porque também o professor de Literatura, sem entrar em questões linguísticas, não tem condições de criticar o texto.

- P.:** *E a Sra. já tem vários trabalhos de orientandos na linha da literatura medieval?*
- R.:** Tenho cinco dissertações defendidas e mais duas dissertações em andamento sobre as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio (séc. XIII). E ainda duas teses de doutorado em andamento.
- P.:** *Isso é importante porque é uma linha de pesquisa que não existe aqui em Minas Gerais.*
- R.:** E essa é realmente interdisciplinar, porque, sendo o primeiro mestrado da Católica, era uma oportunidade para professores das outras áreas das Humanas se titularem. Então, professores da Filosofia, da Psicologia, da História têm vindo fazer dissertações conosco. Até hoje tem muita gente, não é? No âmbito das *Cantigas de Santa Maria*, é possível você fazer pesquisas interessantíssimas em outras áreas. Desde que sejam pesquisas temáticas, é claro. Elas não podem ser formais, porque falta aos candidatos de outras áreas uma formação básica de Literatura. Por exemplo, tive um aluno que veio da Psicologia, hoje já formado, com consultório montado em Belo Horizonte, e que foi um dos mais brilhantes que eu tive. Ele fez uma tese interessantíssima intitulada *Sexo, diabo e loucura nas Cantigas de Santa Maria*. Temos uma professora de História que trabalhou sobre a imagem do judeu na mentalidade cristã da Ibérica medieval, através de uma leitura das *Cantigas de Santa Maria*. Um outro, que é ex-padre, fez uma pesquisa sobre narrativas de milagres da Virgem em três santuários aqui no Brasil: um de grande porte, que é Aparecida, em São Paulo, um médio, que é a Abadia, no Triângulo Mineiro, e outro pequenininho, uma ermida com meia dúzia de casas ali por perto, que é Abadia do Muquém, em Goiás. Ele recolheu relatos de milagres junto dos ex-votos, ou através de gravações, e comparou-os com os milagres das *Cantigas de Santa Maria*. E conseguiu encontrar dezenove milagres narrados por Dom Afonso e vinte milagres narrados aqui, idênticos ou com pormenores impressionantes de analogia. E uma outra professora, que veio das Letras, fez o seu trabalho sobre a presença da morte nas *Cantigas de Santa Maria*. Essa já fez doutorado em Portugal. E, agora, outra professora de História acabou de apresentar dissertação sobre o sagrado e o profano na voz do poeta medieval. A obra com que trabalhamos é muito importante. Vocês estão vendo? Então é um terreno muito bom para pesquisa. Porque, lá, fala-se de tudo. Se você quiser estudar a prostituição na Idade Média, a vida nos conventos, o jogo, as doenças, as profissões. Tudo o que você quiser da vida cotidiana, enfim. Entra-se naquela linha da História Nova, da História das Mentalidades.
- P.:** *E que começa justamente a retomar a Idade Média, não é? E o corpus passa a ser muito mais a literatura do que os próprios fatos históricos. Então é importante ter o conhecimento desse corpus para que as outras áreas também possam analisá-lo.*
- R.:** São quatrocentas e vinte e sete cantigas. Todas com música e iluminuras. Todas. Um verdadeiro milagre de conservação, não é? Justamente porque Dom Afonso determinou que fossem enterradas junto com ele. Assim, preservou-as contra os incêndios, as inundações, os bichos, a desonestidade humana que raspa um texto para fazer outro por cima, um palimpsesto...

- P.:** *Vamos agora falar das realizações do curso de Pós-graduação da PUC. Quais foram os principais eventos patrocinados por ele?*
- R.:** Olha, essas realizações se devem, em sua maior parte, à colaboração inestimável do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros, o CESPUC, que foi criado no âmbito da pós-graduação.
- P.:** *Em que ano foi criado?*
- R.:** Um ano antes da entrada da Professora Lélia Parreira Duarte para a PUC. Não sei em que ano. A história foi assim: eu estava aqui quando recebi um convite da USP para ir lá, participar de uma reunião dos Centros de Estudos Portugueses, os CESP. Então eu fui à Reitoria e falei com o Padre Magela: “– Olha, não posso deixar de ir, não é possível a gente ficar ausente dessas coisas. E também não é honesto ir, porque nós não temos esse centro. Então eu vou criar esse centro”. Aí fiz uma reunião de alunos e professores de Ciências Humanas e foi criado o Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros. Foi criado o Centro, mas ele ficou inativo, parado, não funcionou enquanto a Professora Lélia não veio. Só então se fizeram os Estatutos e se elegeu um Conselho de Administração, com a Professora Lélia à frente. Essas atividades extra-classe, principalmente esses congressos e reuniões similares, todos no âmbito da extensão, se devem à capacidade de trabalho da Lélia. Ela assumiu o CESPUC e tem feito todo o trabalho de extensão do curso de pós-graduação em Letras. Já houve um primeiro congresso de estudos africanos, há cerca de uns três anos atrás. Vieram professores de Portugal, da França e dos países africanos de língua portuguesa. Depois houve o Congresso Internacional sobre Guimarães Rosa. Sem falar dos encontros de menor porte como, por exemplo, alguns que têm ocorrido no curso de graduação em Letras, à noite, com professores da Pós-graduação apresentando trabalhos sobre Eça de Queirós, sobre Machado de Assis etc. Então, eu penso que o curso, hoje Programa de Pós-graduação, vai bem. Não quer dizer que ele já tenha feito muito, mas já fez razoavelmente, já mostrou a sua presença. Está com uma revista boa, a *Scripta*, também sob a direção da Lélia, que tem sido uma pessoa de fundamental importância para o crescimento do curso fora dos muros da universidade. Falando mais claramente: o programa de Pós-graduação faz o ensino e a pesquisa, enquanto o CESPUC faz a extensão, em alto nível.
- P.:** *E quais são as perspectivas para o futuro?*
- R.:** Vocês sabem que eu estou deixando a coordenação, não é? O curso começou a funcionar em 1989, agora está fazendo 10 anos e este deve ser o meu último mandato. Só que eu não vou pedir exoneração antes de concluir meu mandato porque isso não se faz, não é? Isso é uma renúncia um pouco esquisita. Mas o meu mandato vence em agosto. E aí vou passar a coordenação para outra pessoa. Agora, o que eu penso que será necessário fazer...
- P.:** *A Pós-graduação já está consolidada, não é, D. Ângela?*
- R.:** Eu acho que uma área está consolidada, a das Literaturas de Língua Portuguesa. Agora, a área de Língua Portuguesa, embora esteja trabalhando muito bem, está com um déficit de professores. Porque não é fácil contratar professores de Língua

Portuguesa que queiram lidar com língua portuguesa mesmo. Nós temos os Professores Milton do Nascimento, Beatriz Decat, Vanda Bittencourt, de entrada mais recente Johnny Mafra, que dá latim, e Márcia Moraes, que acaba de doutorar-se pela USP. E eu, que estou com um pé na literatura também. Pode ser suficiente para o mestrado, mas precisamos de mais, porque penso que a próxima etapa de crescimento da pós-graduação da PUC tem que ser a criação do doutorado em Língua Portuguesa. Com o número de professores que nós temos, isso ainda não é possível.

**P.:** *Acho que passamos agora à última pergunta. A Sra. recebeu, em 1949, o prêmio Arduíno Bolívar, por haver concluído o curso de Letras em primeiro lugar. Além de vários outros títulos, ressalta-se o de Professora Emérita da UFMG. E, recentemente, recebeu a Grã-Cruz, sendo condecorada pelo Presidente da República como membro da Ordem Nacional do Mérito Científico. Gostaríamos de saber como a Sra. se sente ao receber tão merecidas homenagens.*

**R.:** Isso, para mim, não tem nenhum valor, sabe? O que tem valor é o trabalho que a gente faz, principalmente para ajudar os outros a crescerem. Para ajudar a educação desse país. Isso aí. Eu nunca tive medo de encarar trabalho. E não foi uma nem duas coisas que eu ajudei a criar, mas, como eu disse a vocês, quando está caminhando sozinha, já consolidada, eu caio fora e, se puder, parto pra outra.

